

AS VENERÁVEIS VIRTUDES DO HOMEM

ANA PAULA ARENDT



Láurea da Academia
Paulista
de Letras
Menção
Honrosa
Prêmio Maraã de Poesia 2016



CHIADO
EDITORA

COLEÇÃO

COMPENDIUM



CHIADO
E D I T O R A

Um livro vai para além de um objecto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Editora procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana “põe quanto és no mínimo que fazes”. Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

www.chiadoeditora.com

CHIADO
E D I T O R A

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde
Avenida da Liberdade, N.º 166, 1.º Andar
1250-166 Lisboa, Portugal
Conjunto Nacional, cj. 205 e 206,
Avenida Paulista 2073, Edifício Horsa 1,
CEP 01311-300 São Paulo, Brasil

CHIADO
E D I T E U R

França | Bélgica | Luxemburgo
34 Avenue des Champs Elysées
75008 Paris

CHIADO
E D I T O R I A L

Espanha | América Latina
Paseo de la Castellana, 95, planta 16
28046 Madrid
Passeig de Gràcia, 12, 1.ª planta
08007 Barcelona

CHIADO
V E R L A G

Alemanha
Kurfürstendamm 21
10719 Berlin

CHIADO
P U B L I S H I N G

U.K | U.S.A | Irlanda
180 Piccadilly
London W1J 9HF

CHIADO
E D I T O R E

Itália
Via Sistina 121
00187 Roma

© 2018, Ana Paula Arendt e Chiado Editora
E-mail: geral@chiadoeditora.com

Título: As Veneráveis Virtudes do Homem
Editor: Mayara Facchini
Composição gráfica: Joana Gerales,
com font © Chevalier Becker Stripes Caps
Ilustrações: Luíza Manhães

Capa: Joana Gerales, a partir de ilustração de Luíza Manhães

Revisão: Ana Paula Arendt
Impressão e acabamento:

CHIADO
P R I N T

1.ª edição: Fevereiro, 2018
ISBN: 978-989-52-2242-1
Depósito Legal n.º 435414/17

Ana Paula Arendt

AS VENERÁVEIS
VIRTUDES
DO HOMEM



CHIADO
EDITORA

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde

PREFÁCIO

Quando se pensa: a poesia morreu! Não, não morreu nem morrerá. Quando parece que tudo vai cair por terra, não, não vai não. De repente ela surge com vigor, do fundo da terra, da mais profunda raiz, trazida pelas mãos daqueles que criam. Esse mais recente trabalho, não o último, da poeta Ana Paula Arendt, dá provas evidentes da minha afirmação. Há uma maturidade esplendorosa. Riqueza de imagens. É o som de um sino que não se repete, um som diferente, um som que nos traz a palavra que rareava. Uma profunda invenção, com propriedade. No seu prefácio já se prenuncia aquilo que seria encontrado mais adiante. Vigor da invenção. Da cumplicidade com a literatura. Da cumplicidade com a vida, com a palavra. Uma poética do encantamento. Um discurso de engenhosidade. Sinto-me gratificado por ter tido acesso a esse fabuloso *As Veneráveis Virtudes do Homem*.

Com a admiração do

Celso de Alencar

*Ao homem que me sonha à noite,
e pela manhã me beija, um epitalâmio.*

ENTRE OS PARALELOS 15 E 20, HABITA SULIS MINERVA

Numa terra construída do alto de ázimos pedestais, regem as constelações das estrelas antigas, passivamente ornando a orbe e movendo as ordens que os homens não veem. Numa terra revelada pelo sonho de imensidão e glória, um planalto elevado ergue-se meio às árvores espessas, musgos úmidos e líquen acetinado. Ali plantam-se as oliveiras cujos ramos as pombas levam, das quais se colhe o azeite, na encosta dos tanques e de uma torrente d'água. Nessa terra os homens galhardos, que vieram de velhas paragens, plantaram vinhas, criaram o mosto, e celebram os ritos loquazes conservados desde há muito tempo, quando se vivia no passado. Intitularam-se a si mesmos brasileiros, e exibiram, exigentes, os frutos e o néctar que ali produziram para os irmãos do Prata.

Ali, meio aos jardins bem cuidados e aparados em conformidade com as estações, os ipês coloridos e as paineiras se alternam, sombreando as aves durante o dia, vigiando atentos durante a noite, quando brilham em seco sob as luzes artificiais da cidade. Debaixo deles, circulam os seres animados pelo sossego, quando vão purificar-se em lautas comunhões. As divindades brasileiras, do alto de seus elevados montes, observam o burburinho alvoroçado, o arrebique das noções novas, inspiram-se nas frestas que concedem aos lídimos humanos. Cantam os poetas as aventuras dessas divindades, sob o privilégio do silêncio, enquanto todos dormem. Silêncio que brota verde à beira dos sendeiros e despon-ta na paisagem ressequida, despertado pelo vento úmido mistral, que chega brando após três ou quatro noites do extremo sul

àquela metade do Equador, do fundo em que habitam as espécies marinhas. Eles saúdam a ventura suprema dos homens, o riso das mulheres, a surpresa das palavras novas... A melodia de suas almas, donde brota a baunilha, o mel... E o vinho.

CANTO I

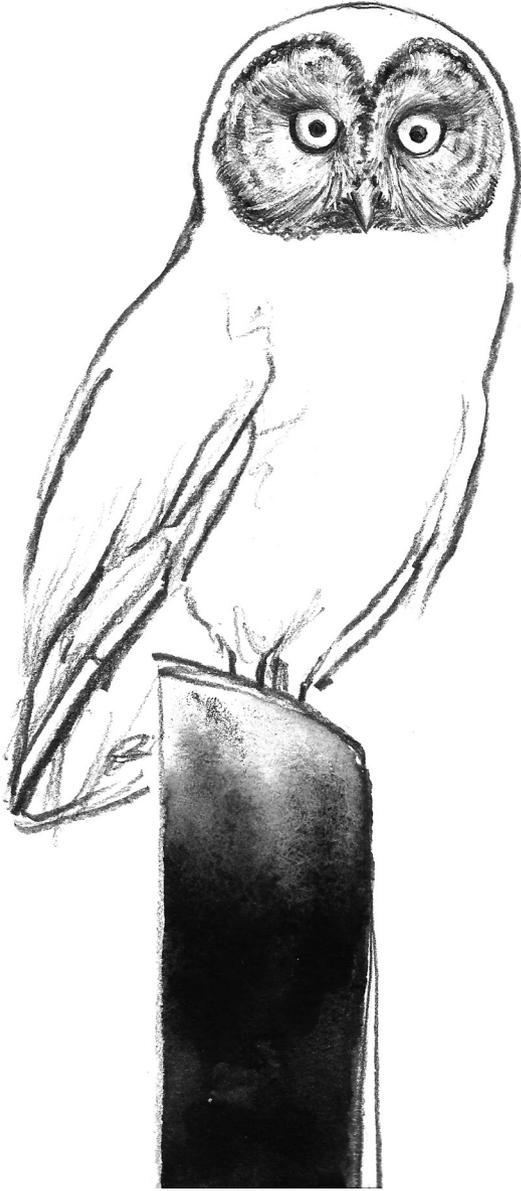
*Canta Sulis Minerva, ao amar um jovem guarda
irresistivelmente apaixonado, em corpo de sagitário, cuja
identidade desconhece.*

1

Ó Homem, de meu peito, bem criado 1
Em meu colo nutro o pleito que proclama
A virtude do herói alvo e cansado
Consolado neste gesto de quem ama.
Ó semblante rigoroso que me aplaca;
Braço rijo, rosto nobre, em gentil brama.
Seja em gala, em pego undoso, em noite clara;
É feliz mulher que nele agita a chama.
Na aurora rutilante, em sombra lague
Sonho o enfermo exemplar de força exangue.

2

Soou a nota do desejo, em tempo não vivido; 11
Mas ventos vazios anunciaram terra fastidiosa.
Em doces teclas, mostraram ser descabido
Ter paixão em excesso, tão direta e pressurosa.
E eu, perdida de amor, que não o via eximido
Tive de enxergar de novo a vida em prosa.
Semanas inteiras, vividas pelas beiras,
Em êxtase contido, de infindáveis horas.



Seus lábios gentis foram tão implacáveis!
O silêncio partiu-me, em confissões suaves.

3

Recolhida em flagelo, acaricio minha mão,
Recorda-me o feito de amor sem querer.
O pudor me inflama com o entrave à visão
Entoando triste a fragrância do anoitecer.
Meu amor respira em palavras, desde então:
Maior crime é conformar-se em não te pertencer.
Experiente em desatino, manda-me cartas, como Sabino,
A um coração ferido, em suplicante entonação!
Cede a esta dúvida, já que levas tudo muito a sério;
Deixe que eu mergulhe em doce e furtivo mistério.

21

4

Do pensamento nada se cria, do sentimento nada se perde,
Tudo se transforma a cada dia; tudo se esvai na vida breve.
Mas se é passageira a alegria, e se há prazer em volúpia verde,
Tanta e maior é a poesia, se a mulher a ela se atreve.
Neste santuário bem defendido, que o pleno significado deserde
O defeito do esboço urdido, que aos amantes prescreve.
Que nossos corpos, em espírito fundidos, produzam este abrigo,
[e assim o preserve.
Com dedos assim enleados, em mechas desemaranhadas,
Sustenta-se a mulher baldia, de precipitações equivocadas.

31

5

Assim que a margem avança,
Se vê banhada pela água que não cessa de correr.
Murmúrio terno o ouvido alcança,

40

Mas o frio se instala na vaidade per se.
 É a necessidade de fiança,
 De satisfação e a intemperança, que espera o enaltecer.
 Indiferente perde a fome, atento a tanto sobrenome,
 Vive sem saber por quê.
 O mal-estar do homem, tendo descoberto em si tanta vaidade
 Aplaina o delírio mais-que-perfeito, fora possível a felicidade.

6

Em vários tempos se consome esta escrava da língua, 50
 A trabalhar versos remidos da lamúria soberana
 Empresto-te o dissídio, o arbítrio e te curo a língua
 E em troca me rompes a sombra de ilusões humanas.
 Não há nada de épico, é apenas mulher à míngua
 Buscando teu peito numa triste selva urbana.
 Levianos gracejos escondem os tépidos desejos
 Pois de homem talante é a eufonia em campana.
 Me dá sua doce eulalia, sua pena veemente,
 Na graça de um beijo oculto e clemente!

7

Mas de leves menoscabos não se fazem grandes delícias. 60
 Recordo: ingentes apenas em jardins bem cuidados.
 Só a arte desfaz o ardor em carícias
 E tão mais intensos são os amantes indisciplinados.
 Mas ai de mim! Duas torpíssimas insontes insípidas,
 Acrescentam ciúmes de estar a teu lado.
 Desfiladas em plumas que jamais discordam em suma
 Com suas grenhas – asco! – te fazem de nefando pasto.
 Denunciam incesto, a femínea turba, suprimdo rumores;
 De nada lhes valem, pois óbvio desconhecem sublimes amores.

8

O amor sublime é muito sério, cantado por quem se ama: 70
 Não é de pedestal que o poeta o tece contra dissabores.
 Na noite calada, de anúbis o império, em si derrama
 A alma completa, forjando suas lípidas novas cores.
 Com que se invoca, debruado o critério, deste amor a trama:
 Só então é feliz, gloriosa a seta, dos veros autores!
 Em verso mendigo, de seio despido, úmido amigo
 Restabelece, no dia seguinte, os mesmos vigores.
 Aflito canta o espírito a entrega certa;
 Escapa de morte anunciada só a poeta.

9

Neste mesmo deserto que imprime nos olhos tranquilos 80
 O duradouro tom regresso de um permanente fracasso
 Constrito e adverso, de tantos vacilos
 Cede ele manso à disputa por novo espaço.
 E assim segue o homem, em seu próprio autoexílio
 Que abriga na moça um dileto regaço.
 Prudente a evita, se o peito palpita,
 Em silêncio a alimenta de doce compasso.
 Deleite maior não há em se postergar a entrega!
 Do homem consigo, que devagar me rega.

10

Um beijo me aguarda, em ansiosa visita 90
 Na qual me imagino ardente em seu colo.
 Me espere bem doce, a espera me irrita
 E rente a seu rosto eu mais que demoro.

Com gosto a audácia, a memória me incita
A menos falácia com quem eu namoro.
Com mãos indulgentes, no corpo frequentes,
Me perco nos sulcos em que revigoro.
Mordisca e se perde em um dos meus lábios
Molhadas resistem as bocas dos sábios.

11

Vi a lua dar uma volta, na claraboia celeste 100
De manhã cedo me despertou a aurora
Dos sonhos macios e tantos retestes
Do homem que insiste em se jogar fora.
Nubla o espírito e turva a lágrima, pedir-me que ateste
Sempiterna tendência de crer sem demora
Voam Ícaro e Dédalo, na língua formosa de Ésquilo,
Entregar minhas cartas neste brando agora.
Cede-me em tudo que eu lhe peça:
E não farei o que não lhe interessa.

12

Tenro corpo, terno tom em dom de moço 110
Condescendente, sabe que o tempo em tudo emana
As necessidades, desejos, no fundo do poço
Perfuram o topo do mundo em ponderações enanas
Mas a escada que ruma do colo ao pescoço
Exala na pele fragrância tamanha!
As virgens arrulham astúcias, descrevem minúcias
Têm alma divina e consistência humana.
Se cantam virtude, são cítara, alaúde na tua mão
Se inalam teu peito, é porque nele há um coração.

13

A origem dos músicos é há muito conhecida: 120
 Entregar-se às armadilhas e nelas ver seu alento
 Conhecendo os caminhos de tantas dores perecidas
 Nos próprios desvios de um amor têm seu acalento.
 Peleja difícil, a das curvas que o coração faz em leito
 E que no imediato concreto não encontra contentamento.
 Lá no alto, onde a névoa se sublima, encontra a alma desejado clima,
 Cruzam-se os olhos do rapaz e da menina, em imprescindível portento.
 Na realidade deles se abrigam aquelas pessoas sem imaginação
 Reclamam de detalhes e de problemas, mesmo na indivisão.

14

Graças ao gládio recebido, segue o homem em seu combate 130
 E sem apressar o fim de volúpia, nela encontra seu ápice contido
 Não se farta de instrumentos que lhe ensinaram para o abate
 Ou de tantas argúcias, no local do enlace em gemido.
 Elegíacas palavras sortidas embalam o doce prêmio do resgate
 Trêmulos olhos refratam a luz, como nos espelhos d'água bem construídos.
 Sem artifício, enrubesço; sob dúvida de quem conduz, não esclareço
 Nem consigo dizer sobre o calor de corpo unido.
 É melhor calar sobre os melhores momentos.
 Melhor que fiquemos só em nossos pensamentos.

15

Maldição! Maldição, o dia em que percebo a tempo, as razões e os porquês 140
 Poção de amor em livramento
 É descobrir amar você.
 Se jogar feito louca no tempo
 Se deixar totalmente à mercê.
 Muito pior que os amores carnais
 São esses leves sentidos frugais.

16

Em triste abandono, saboreio o desgosto 147
 De perder a rima, estrutura e um Posto.
 Porque me entreguei ao delírio! Porque me entreguei à paixão.
 Mas é apenas estribilho. Não se arrepende a mulher de ilusão.
 Pelo contrário, é o elemento
 Que cria o novo, e inspira à ação.
 Quem sou eu, para saber qual é o nível
 Que se é devido a cada emoção impossível?

17

Em Brasília, Nova Roma, traço e linha bem formados 155
 Permitem aos amantes vários tropeços
 Tão formidáveis e necessários seus planos cardos
 Quanto mais verdadeiro seja o nosso apreço.
 Desníveis perfazem o adorável contraste
 De que não prescinde um belo começo.

18

Um grande desperdício de palavras, 161
 Propus-me a fazer desde o início
 Pois amor utilitário é de escrava
 O meu libertário é mais propício.
 Quero desperdiçar palavras
 Assim, num futuro, seja menos noviço.
 Vai acabar me matando, esse fôlego vetusto
 Em corpo de homem metade robusto.
 Engana a si próprio em farsa de ofício,
 Disposto a fazer o que é menor sacrifício.

CANTO II

Quando após o encontro fortuito, Sulis Minerva descobre a identidade do jovem guarda.

19

A ti que me lê, e que me perguntas 171
A quem dedico versos tão apaixonados
Se em longo prefácio, não meço gestos desmesurados
Saiba que é a esse leitor que escrevo
Se jamais se apaixonou, a mim procrevo
Embora saiba que esse dia ainda não chegará tão cedo.
Em terceira pessoa, ficará mais contente?
Assim coloquemo-nos em nosso lugar, inteligentes.

20

Nesse lugar, só acima do firmamento, 179
Não se aceitam atos comezinhos.
Não se aceitam espasmódicos tormentos
Sem a volúpia de um azul marinho,
Onde até mesmo os sonhos obedecem.
Se aceitam apenas carinhos
Sussurados a cada diária prece.
Nesse lugar, só acima do firmamento
É onde se cria o nosso mútuo pensamento.

21

Sob o zênite da grã-verdade, quando o orvalho toca a erva, 188
 Rodopiaram sobre Calímaco velhos abutres,
 Incitando-lhe o ciúme sobre a carne de Minerva.
 Sim! Não era a Vênus, a Diana, nem a Juno, o alvitre;
 Sobre as marcas da guerra vetera
 Espessa armadura férrea, de dizer: arbitre.
 Soube Calímaco do amor da sábia deidade
 Rápido tramou maneira de cercear sua liberdade.

22

Inofensiva Minerva dispersa a protérvia 196
 E em clareira ao relento, observa atitudes
 De viajantes do dia, recebe estrigídeas servas
 E alimenta em seu seio rigorosas virtudes.
 Acena-lhe o rosto, em gentil vênua:
 O Guarda do pórtico lhe toca o alaúde.
 A sábia deusa enrubesce, pois jamais se esquece
 Quem em armadilha de amor se encontra a plenitude.
 Minerva traça seu plano de contingência
 Mas de alternativa ao amor, há somente a demência.

23

Tranquila em cair em armadilha de um falo 206
 Mira de onde saem as cordas que ela ao guarda amarram
 Miríade de ímpetos, Minerva num sísmico, agita vassalos
 Sem obter deles ínfimo teor, dela se desgarram.
 Introduzido na câmara dos passos de homens falhos
 Mostra o segredo da paz daqueles que vigilaram.
 Já em sua tenda de atuação, indica sua armas de predileção
 Revelando as marcas de golpes que nela deixaram.

Mistério de musa! Refutando Vênus, Minerva não deixa
Que o Guarda lhe enleie sequer uma madeixa.

24

Convencida de que apenas caindo no instinto que presume 216
Poderá conhecer o vero intento do inoportuno suscitado.
Oferece-lhe um bom vinho, de notório e ingente perfume
E o grave Vigia faz da resposta o melhor costume zelado.
Mas em cartas prorrogam-se, por súbitos ciúmes
Detestam-se entrecortar, os amantes acautelados
Ele a Minerva sorve, sem provocar que ela estorve,
Num ímpeto de paixão desmesurada, em abraço apertado.
Surpreende-lhe a sensciência castiça da boca entreaberta
Do formalíssimo conhecer que a noite de glória desperta.

25

Santo homem de alma pura, de notável doçura e persistência! 226
Diáfana comunhão reflexiva, em ébria quintessência curativa.
Foi de Baco filho raro, esse herói de fina aparência?
Minerva não logra classificá-lo em análise gustativa
Pergunta-lhe a origem de tão divina essência
E em silêncio raro, dourando a pele macia em afagos caros,
Revela o ente humano seus dotes raros de consciência.
Aguçando Minerva em longa excentricidade prazerosa,
Revela ser Baco o homem que lhe fazia sentir formosa.

26

Baco! Como Minerva iria saber? 235
Talvez nova deidade, na pátria celeste, lhe fosse corolária
Mas nem pódio exclusivo, nem vinho votivo. Eis ele próprio, divino ser!
Que traz à êxtase almejada uma graça involuntária,

Disfarçado, no corpo de um homem comum à mercê
 Da falta de alheia indumentária.
 Deixou-lhe no peito um beijo e um cheiro,
 Retornando Minerva ao campo da batalha legendária.
 Ordenou dois vassalos cercassem a tenda, para protegê-lo de Marte
 Refez três fileiras de arqueiros, postados em quem se aproximasse.

27

Esfregava as mãos, Minerva, em completa agonia 245
 Retornava correndo à tenda, e ali conferia Baco confortável
 As rixas de Justiça, rapidamente as perfazia
 Travando em menos dias a batalha inevitável.
 A Saturno dilatava com dores cada areia que se esvaía:
 Enviava-lhe juras de amor irrevogável.
 Em semiluz se entregava, aos desejos da sagrada aljava,
 Tão curativo era Baco em leito impostergável.
 Se o zéfiro lhe soprava, ao início das manhãs, o pudor das ninfas
 Enrolava sobre o corpo dele as voltas das sinuosas vincas.

28

Juno, contudo, entrega à Vesta plano ardiloso, 255
 Enciumada da própria filha, cuja simples moderação
 A Baco mantinha, por mérito e elegia, com amor delicioso.
 Conclama Ariadne a implementar vil diversão.
 Filha de Minos, exímia em cultivo de cativeiros lodosos,
 Preparou fórmula de profunda insatisfação.
 Abstendo a Baco de Minerva, tolheu sua alegria interna,
 Atribuindo a ela excesso de lembranças, como instrução!
 Trazendo a ele doudas feras à mesa, elevou-lhe a tristeza;
 Esvaziou os motivos de celebração, recrudescendo asperezas.

29

Minerva distante, retida por centenas de sacerdotes em vigília 265
 No campo Sul, onde sopravam os ventos frígios do estrangulamento
 Mantinha tropas reunidas, e sustentava o calor em celestes idílios
 Nutrindo colóquios amorosos para mútuo contentamento.
 Mas Baco amargava, com lágrimas nos cílios
 Afogado por Ariadne em desprezíveis ressentimentos.
 Orientada por Juno e Vesta, insistiu a Baco: teus crimes atesta!
 Após insistir em enredos irreais, mesclado em disputas carnais, fez cimento.
 Atribuindo a Baco a origem de feitos inexistentes
 Não logrou afastar falsos discursos contundentes.

30

Atirada sobre Baco em corpo inerte, 275
 Terminou de traçar fendas de um labirinto
 Em que toda passagem ela conduz e converte
 O prazer desviado num alegado jeito em que minto.
 Oh, Baco! Desfeita a narrativa, em terceira pessoa
 Conjuro-lhe a novamente ficarmos à toa
 E esquecermos as loucuras em que Juno e Vesta se justificam.
 Recordo: naturalmente as coisas já se complicam.
 Por que essa tendência do espírito em crer sempre no que receia?
 Retorna a beber vivacidade e deliciar-se em minha boca!
 Volta a se alimentar de teus talentos, proporção rara invoca!

31

Já não encontro meu homem amado 286
 E atijo a lâmina contra os feixes de mirta escura,
 Onde se erguiam os caminhos sem saída
 Do fel amargo, de disputa carnal imatura,
 Onde se deita fula Ariadne, labirinto que duas deusas tramaram!

Foram os versos taciturnos de Calímaco silencioso
 Que o toque tépido e os dedos tímidos estragaram.
 Mas respira no ímo peito um íntimo idílio de alma pura
 De encontrar-te sozinho, jogado e desditoso quando afiguras.

32

Retorna o verso à canaleta por onde escorre a água, 295
 E Baco, sozinho, já se encontra abandonado.
 Minerva soergue sua mão sob a anágua
 Concebendo-lhe a paz do recluso ensimesmado.
 E, todavia, sem banir-lhe rapidamente a frágua
 Entrega-se a ele como insípida aluna, ao maestro adorado
 Ele percorre, sôfrego, nela as renúncias de seu fôlego:
 Redescobrem o deleite de cúmplices alados.
 Dédalo e Ícaro restauram a exclusividade
 Nos furtivos folguedos da leve intimidade.

33

Doce mistério que atíça a chama do alvedrio 305
 Entre a reclusão necessária e a súbita entrega!
 O espaço entre a dúvida silente e o receio
 Na minh'alma expande, sacia e sossega.
 Num feito de força, enérgico ao seio
 Tua graça de homem a meu ser se apega.
 Desenfreado me incute, prazer que execute
 E nos corpos discuta a amorosa pelega.
 Gentil me consola, sopra na pele a carícia salutar,
 Delicado pergunta se o amor dissoluto chegou a me machucar.

CANTO III

*Sobre como Sulis Minerva raptou Baco da típica Ariadne
quando este se encontrava em forma humana*

34

Rápido! Voa, estrigídea companheira!
Sob teu manto se agarra a mensagem altaneira
Meio à noite de bruma de céu rebaixado...
Clama a Vênus, proximidade ligeira
Do homem por mim, que assim me faz desejá-lo.
Avisa no modo portentoso, das imagens frescas
Em memória de sonho, em momento de sono,
Antes da mente produzir o racional
Avisa da forma, do tempo e do gesto,
A ele espectador esforçoso e modesto,
Participe ativo de uma compreensão final.

315

35

Sem mito, nem fama, sem rito ou drama,
O mocho-galego sussurra inaudível,
O crepúsculo sobre o mundo roto e aprazível,
Finda a jornada do coração que ama.
Baco adormece na tenda do plausível
De mancebo insatisfeito, que por algo indefinido clama.
Exausto de ausência de amor e do cinismo,
De asco de ouvir o mais novo definitivo truísmo,

326



Baco contempla o ardor reprimido em seu imo peito
Quando Júpiter inclina a Vênus, anima-se a um feito.

36

De pé, já homem, Baco vê o reflexo de candeias, flamas tiritantes, 336
No brilho translúcido do córego das ideias propagadas.
Em breu de noite antecipada, reconhece a Minerva de antes
Debelando chamuscas euríceras e suas vértices desvairadas
Trazendo à memória o irrevogavelmente ausente, em fatos importantes;
E no presente opõe sua força às mudanças que não valem nada.
Em cheiro salobro de mar, do peito ressona lembrança no olhar,
Sobre o espelho d'água macio das boas vivências dos amantes.
O espírito de Minerva pousa sobre o corpo masculino
E o homem experimenta o gosto de um amor divino.

37

Vontade! 346
Sentimento naufragado, em procela das desilusões em vários níveis.
Eis a razão do movimento do tempo, num presente que perdura...
A hodiernidade duradoura, entre o passado suspenso e futuros falíveis
Faz dealbar os sentidos, num espírito repleto de confiança pura.
Em Baco se anima a necessidade de buscar pensamentos inatingíveis
E mocho de Minerva entrega suas cartas com propostas de aventura.
Abandona Baco o corpo de sagitário, a Vontade o libera a novo itinerário,
Onde se assenta em um belo corpo, de notável sinecura.
Recorre ao premente desejo de buscar uma mulher,
De atendê-la em todo capricho que bem lhe aprouver.

38

Ó venerável virtude do homem! 357
Cumprir da mulher todas as suas vontades e caprichos.

O homem vazio que colhe e consome
 A fêmea em serenidade no momento propício.
 Baco aspergindo pólen na pele do corpo insone
 Minerva criando a potencialidade propensa ao início
 Até que paixão em opinião revolvada, resolva-se infinitamente repetida,
 Em nota agradável de um murmurado nome.
 Nódua arraigada no corpo assim és
Voluntas est potentia quia ipsa aliquid potest.

39

No abismo inexpugnável de *nunc stans*, 367
 Aonde se recolhem os projetos de futuro,
 Baco se atira, sonâmbulo profundo,
 De onde a ave em rapina o recolhe.
 Em pleno vôo, delicada, o carrega,
 Até o templo em que Minerva o tempo sorve.
 Em devaneio reflexivo, pensa na forma de entrega,
 De seu espírito abatido em sustentar a orbe.
 Desorganizam-se os arranjos irreversíveis:
 Encontros e beijos se tornam possíveis.

40

Desorientado, ergue-se e opina sobre o chão batido 377
 Pelas marchas de soldados há muito passados.
 Cansado, observa o prestígio integral sempre impedido
 Por metade dos homens, deselegantes e desapegados.
 Prescindem do afeto, apego e receio
 Da ideia de ontem, de hoje e de um passado.
 Mais rápido se apropriam de um imprevisto
 Do que se desfazem de erros inconsiderados.
 Agarram-se à perversão que solenemente ensinam,
 Em jargões repetem balbúcies que abominam.

41

Mas uma escadaria de rocha escarpada à frente desponta, 387
 Transpondo o nefando caminho da inconsistência,
 Sobre folhas de sete copas conduz a uma construção pronta
 Em tempos imemoriais, levantada por áugures em afluência.
 Áuspice mulher anota o vôo da Ave que ao homem confronta,
 Sobre os ombros, cabelos espiralados numa saliência.
 Observa-o escalando cada degrau, debruça em parapeito casual,
 Encontro carnal, do qual o amor tem presciência.
 Momento arcaico, para o qual o predomínio masculino foi feito:
 Aproximar-se da mulher, e consentido, tomá-la junto ao seu peito.

42

A ausência de hesitação masculina me faz palpitar 397
 Por desejos ardentes, volúpia do amor de um deus.
 Influência irresistível propensa no olhar
 Tanto maior se os meus lábios resistem aos seus.
 Já disperso de si mesmo, a ele eu ergo um altar:
 Ao homem que sendo, o que pensa se esqueceu
 Do real eu-indivíduo, em estados sucessivos assíduo,
 Incerteza basilar que de ímpeto esmoreceu.
 As contingências se agregam à espontânea Vontade
 Minerva se inclina à chave da verdadeira felicidade.

43

Raptado já está Baco, levado por suas próprias pernas 407
 (Toda vontade que não é livre é contradição em termos).
 De puro contento desliza suas mãos na bela cintura
 Que a memória oculta de um corpo conserva
 Sendo doce o cativo de uma alma pura.
 Entrega o frescor aromático d'uma erva
 A haste de celidônia macerada com ternura

Trescala de esguelha, a especiaria da segurelha
Sobre o seio macio de apaixonada Minerva.
Refrata com gosto o interesse feminino;
Refuta o dado como certo, rouba beijo genuíno.

44

O doce delírio de despir-se, despistar-se,
O áureo alívio de a si harmonizar-se
Num receio mútuo que se completa;
Detalhes do amor urgentíssimo,
Palavras de afeto amabilíssimo,
Recobrem a alma de profundas setas.
Ao menos o tempo pudesse ter seu fluxo cingido
E o vívido hodierno para sempre ser distinguido.

418

CANTO IV

Métis encontra Sêmele e esta demove os amantes antes das núpcias, quando estavam em leito amabilíssimo.

45

Impérvia Métis, deglutida num lapso, 426
Retorna à vida, ressaída de Júpiter.
Recriada em ferida de tamanho colapso,
Pois o pai de Minerva tem espanto súbito,
Ao ver seus dois filhos em versos do Lácio
Amalgamados como amantes, em recúbite.
Antecipando Baco surdo, repõe-lhe o senso de absurdo,
Sêmele retirando cada uma das flechas de cupídia estúpida.
Baco, Minerva é tua meia-irmã;
Deixa esse leito e esquece esse afã!

46

Semovente Minerva, desperta ao lado do amante, 436
Ouve mais frases de Métis, na boca de Sêmele
Tombo do leito, tão certa e brilhante
É a afirmação da mãe de Baco, em prudência tênue.
Recorda que Baco é para Ariadne arfante;
De frente a Minerva, Baco é um ingênue.
Mas quero saber seus segredos, a eficácia de seus enredos,
E insisto a Métis, imploro um homem assim, estrênue.
Esta se sinta no mesmo vestíbulo,
Que em repouso há vestes e um címbalo.

47

Minha cara Minerva, espero não seja mais uma de tuas astúcias, 446
 Reter-me aqui a falar de minúcias,
 Mas vejo em teus olhos um legítimo desígnio.
 Dedicaste tanto tempo à guerra, esqueceste o doce kerígmio
 Na indubitável certeza que conduz a uma verdade.
 Esqueceste o que é amar? Esqueceste o que é amizade?
 Murmuram instrumentos, sussurradas vozes na água de uma fonte,
 Crescem os amores felizes na querência, nos círculos devotos de uma cidade
 Construída no teu próprio corpo, latejadas no teu próprio rosto,
 De músicas palpáveis dos nós cingidos pelo alterno desgosto.

48

Fala-me em enigmas sensíveis, verdadeiramente, Métis. 456
 Tudo me é igual, e já vejo os homens todos em pequenas partes,
 Que despontam no campo tais como as flores, igualmente duradouros.
 Vejo homens e mulheres, tão fortuitos e tão vulneráveis
 Ao antojo do árido, obtuso e estúpido ouro.
 Ainda assim veio Baco e me provou ser válido e novo
 O que antes me era na vida apenas estorvo,
 Ainda assim veio dar-me, tanto o valor de um velho charme,
 Quanto a proeza de um canto inútil.
 Canto inútil.
 Pensas, Métis, sempre em função de algo!
 Eu já não penso mais que do que apalpo,
 Neste caso, mais que nada.
 Neste caso, que interrompeste,
 Já não penso no passo que galgo,
 Mas na indiferença alviceleste.
 Fizeste-me aborrecida.

49

Retiro-me de campo, dedico-me a meu canto,
Baco, nem de humores ou tragédias sou afeta.
Se esperas que a mim caiba decidir o pranto,
Digo-lhe que a quem cabe é ao autor da seta.
Antojos!

473

Dedico-me a meus afazeres, que há muito se acumulam.
Há tantos prazeres ainda, que de longe me insinuem.
Que farei com o resto de minha vida eterna?
Aos deuses, sim, cabe o castigo imortal.
Se intervêm alternamente, retiram-se do mundo demente,
E reinam no espaço em que lhes foi deixado
Por algum Criador do universo, morto de um jeito banal.

CANTO V

*Quando Sulis Minerva quis atirar-se a um penhasco,
pelo impedimento moral a desposar Baco*

50

Inviáveis, inesgotáveis caminhos da solidão. 485
Nele se vive e se sofre de antemão.
Não imposto por um espírito indisposto,
Mas pela ausência de quem tenha desgosto,
E assim compartilhando, o quebre.
Mas não. Recolhe-se o íntimo em retiro proposto,
Solilóquio em que facécia é o encosto
Das deusas vestidas de ébano alcatrão.
Imprestáveis, vulneráveis, os caminhos desta solução.

51

Sulis Minerva amarra-se, numa haste enfadonha 494
Donde inclinam falas ínclitas, frases certas de quem sonha.
Ali resolve esperar que os condores lhe devorassem
Amar ou morrer, e os homens que chorassem
Ao ver inertes as coxas em que não se esfregaram.
Pende seu corpo correto ao martírio completo,
Aguardando um soneto de sentimento secreto,
De homem dileto entre todos que lhe amaram.
Desvairada se atira no poço do incerto,
No niilismo proclamado funesto,
De esperar nada, de nada, do nada!

52

Condores, contudo, ao longe não se aproximam, 505
 Não vencem da imagem a intenção a que se inclinam,
 A força de Minerva sobressaída na obscuridade.
 Inferno vivido! Mesmo se tendo cercado de fragilidade.
 Por mais que se despeça, Minerva é desperta,
 Presa à sua imortalidade.
 Maldição! No dia em que deixo a cabeça de Zeus,
 Deuses, humanos, reclamo aos seus!
 Dêem-me ao menos um canto sereno de caducidade,
 De que eu possa erguer-me, de novo render-me,
 Com sede de felicidade!

53

No impermisto silêncio, do vale emoldurado e onicerúleo, 516
 Minerva se despe de todo seu orgulho,
 Constatando em seu corpo a imutabilidade.
 O tempo perece, fenece na prece, padece de futilidade.
 Pendurada permanece.
 Ao alvorecer pede a reciprocidade.
 Em súbito alento, sem esperar qualquer sustento,
 Himeneu aparece-lhe em carne e pensamento,
 Desatando-lhe a prece de feminilidade.

CANTO VI

Quando Himeneu vem consolar Minerva, desata-lhe os nós e tenta preparar-lhe um epitalâmio. Contudo, fatigado de seu serviço, não resiste às necessidades de Minerva. Invertem-se os papéis. Minerva canta a Himeneu o gamélio, himenaio e a coempção para que seja o noivo e mantendo o varão, em seu Templo, o desposa. Após as núpcias, Himeneu, experiente, sobrevive a um ataque oculto do Olimpo; canta feliz o egértico e coemético.

GAMÉLIO NOTURNO

54

Ó Himeneu! Aprendi qual diferença me traz serenidade. 525
De nascença a mulher almeja servir de verdade,
Atrapalhando o homem em todo o seu propósito
Até que ele ceda, e, exausto, faça um depósito
De esperanças unicamente nela.
Que anseie, dependa e sacie, que se delicie,
No cúpido concerto que um beijo entre meus seios sela.
Mas não me beije agora, que meu desespero é grande!
Apenas me inspire mais próximo, para que tua boca meu seio demande.



55

(Himeneu pronto explica a Minerva). 534
 Não sou teu, sou apenas cantor da canção, tua serva,
 Para obteres o que queres, e abençoa-la.
 Ou ao menos o que puderes; não irei admoestá-la.
 Seguro-te nos braços, Minerva,
 Mas não me deixe fazê-lo a ponto de ser bela,
 Do contrário poderei errar a fala.
 Onde estão teus medos de donzela,
 Minerva, que são de teus olhos de opala?

56

Entristecidos teus olhos! E misteriosos se escondem. 543
 Vejo que teu trabalho te priva da carne e dos ossos
 Que mereceriam tão nobre e distinta silhueta...
 És um homem deveras formidável.
 Himeneu, não me ocorreu, algo tão belo assim, nem que fosses meu.
 Mas prossiga, prossiga em sua melodia que acasala.
 Na verdade esperava que tu me delatasses o apogeu
 E como chego até o homem que me propala.
 Beije meu rosto e sinta o meu horizonte fosco,
 Mostro-te a angústia que meus versos cala.
 Não me desespero, pois temo a astúcia
 De Hades ferindo-me com sua cabala.
 As lágrimas seco em tua lapela,
 Himeneu, fazes pra mim teu canto de gala.

57

Minerva, necessitas, antes de mais nada, 557
 Encontrar-te com um homem.
 Que as virtudes dele matem

Teu intranquilo momento insone,
 E te adormeça no doce aconchego,
 De um peito cuja força é por teu suspiro redobrado.
 Esqueça e adormeça, com teu ânimo desalentado.
 Ordeno que te esqueças das mágoas de um fracasso.
 Aliás! Não ainda: lembra-te! Incomoda-te, e eu te beijo
 Sugo dos teus lábios teu desejo,
 Para que te esqueças do malogro amargurado.
 Beijo-te de novo, e agora esqueças de novo,
 Lembra-te mais um pouco! Para que seja cáldo.

58

(Minerva deliciando-se)

570

(Ouve Stan Getz).

Ó Himeneu, tenho receio de fazer o que quero
 Já não alterco discursos e enredos, não sei método,
 Todo método me é falho.
 Mas enxergo. Vejo a casa em que o desejo,
 O alívio de um corpo fatigado.
 Fica um pouco, enquanto a virtude é degredo
 E partilho contigo o amor redobrado.
 Não quero estudar dos homens os segredos:
 Fique um deles apenas, com o corpo calado ao meu lado.
 O peso por cima, seu peito sobre o meu arqueado.

59

(almas amalgamadas)

582

É demasiado tarde, e não há lugar para quem do amor não tenha reservas.
 Não se pode entrar: é preciso programar planos, estratégias, Minerva.
 Ouça a música cigana, da boemia sob o sereno da noite sonora
 A melodia do vento nas árvores em mim aflora?
 Sim, ligeiro chuvisco sobre as águas do templo

Teu amor em mim rememora.
 É que felinos negros me dão o sustento
 Então danço ao relento o canto que me devora.
 Himeneu, os guardas me chamam recinto adentro:
 Entro no tempo que vivi outrora.
 Não há problemas, aguardo o momento
 Em que a paixão no teu corpo aflora.

60

Tão já, hoje, ser todo dia! Ao lá, mulher. Dar, fazer vida!
 Segura-me o seio, enquanto introduzes tua língua. 595
 Himeneu, não faça nada em minha boca ainda.
 Apenas deseja vencer meu ténue pudor, se puderes
 Em que eu tento em vão, não me entregar-te.
 Abra meu zíper, e transcreva com as mãos tua arte
 Deslizando dedos suaves em minhas costas
 Trazendo-me para perto, procedendo como gostas
 De maneira que eu não possa fazer nada.
 De maneira que eu não possa
 Fugir de tua emboscada.

61

Minerva, não posso. Himeneus têm juramento ético! 606
 Himeneus não se entregam. Apenas em canto profético.
 Talvez eu lhe apresente, a cada homem diferente,
 Unindo um desejo impostergável à tua carne,
 Porque já te vejo nua, despida involuntariamente
 Por mim.
 Mas é preciso te tecer enredos, enfim.
 Ocupo-me demasiado em servir aos homens amados,
 Os vejo partir cada qual com a exigência satisfeita.
 Até que suas mulheres, bem saciadas,
 Entreguem-se a uma vida que sonham ser perfeitas.

Tenho pressa, Minerva, assoberbado estou,
De demandas aqui, acolá, e à minha espreita.

62

Himeneu, aguardo-te então até que finalizes teus cânticos 619
Aliás, ajudo-te, Himeneu, vamos lá. Este não será tão difícil,
Ao fim do dia terás mais que um edifício
De homens estáticos e mulheres em êxtase.
Ficarei aqui debelando todas as demandas seculares
A fim de teu corpo para mim preservares.
Seguirei aqui, e ouves? Ouves os aplausos de coração?
As palmas seguidas, já viste algo assim, de antemão?
Deixe-me histriônica dançar, exhibir-te meus pés e meus passos,
Com os três gatos pretos que juntei ao revés, com humor lasso.

63

Sério que te dedicas a estratégias de guerra, Minerva? 629
Não diria jamais isto por essas disponíveis madeixas.
Que queres beber, Minerva, agora que vejo
Meus serviçais em festa vibrando ao som de teus desejos.
Saibas tu que na noite seguinte voltarão à preguiça repousante.
Apenas estão animados pela tua presença, o que me é irritante.
Sim, queres beber algo desta grande coalizão de festejos?
Vejo que não te interessas pelos homens animosos de teu regaço,
Vejo que os ignora solenemente, enquanto mira em meus olhos.
Queres beber algo? Não te ouço, deixe-me segurá-la pelo braço.
Deixe-me sair do balcão dos homens e aproximar-me do teu rosto,
E em meu ouvido diga-me que queres, Minerva, que tipo de mosto.

64

Que olhas na minha fronde, Minerva, tal qual sacerdotisa, 641
Em busca de alguma inspiração? Que olhas em mim.

Não há nada em mim além da mesma e velha canção,
 Dos homens que apenas se interessam por uma noite.
 Por que me olhas assim, como se fosse já meia-noite?
 Ignorar-te-ei, Minerva.
 Serei simpático apenas para não lhe dar trela.
 Estás aqui há muito tempo, Minerva.
 És por acaso policial?
 Estás fiscalizando se de meus serviços emito nota fiscal?
 [Por acaso Himeneus se preocupam com isso?]
 Chamarei a Zeus, eminente, para que te meça o precipício!

65

(Chega um corpanzil, e tenta intimidar Minerva) 653
 Himeneu, eis-me aqui imóvel. Grata pela bebida e elogio górdio.
 Continuarei a mirar-te, a espreitar-te em lampejos de teus olhos,
 Que não se aguentam em esperar para conferir se estou te fitando.
 Apoiarei cotovelos, qual cotovia no balcão suspirando.
 Não arredarei os pés daqui, até que tenha contemplado tua alma,
 Até o último segundo possível!

(O homem corpulento sorri. Vendo Minerva aborrecida, e que atrapalha Himeneu apaixonado, acusa Minerva de assediar Himeneu e deixa-os).

Não serei ácido, Minerva.
 Não é de meu feitio recusar o serviço de um sorriso de mulher.
 Mas como te justificas sorridente nesse ímpeto?
 Sou filho de Apolo e Vênus, é verdade.
 Mas querer comigo momentos íntimos?
 Bem sabemos, filho deles não é raridade. Por que não te interessas
 Por homens de mais força e menos idade? Não te interesses, Minerva.
 Mas já que me aguardas, não ouses me quebrar a felicidade.

66

Não vais apressar-me, Minerva? Nem pressionar-me, 669
 Demandar-me esgar atentas mogangas?
 Vais ficar aí. A admirar-me. Qual fosse eu teu reino e varanda.
 Vês que estou a trabalhar, certo, Minerva?
 Que nada de mim podes esperar.
 Quando é que te vais, todos já se foram.
 Restam aqui meus serviços, que peço fiquem e me socorram.
 Estás a te comportar como loba, assim me assustas.
 Não sou mulher para em mim secares tuas pálpebras astutas.
 Devolvo-te este cartão de visitas, que é isto, não sou comerciante.
 Ok, agradeço, há seu telefone, guardo-o no meu bolso, num instante.

67

Já me vou, Himeneu. Vejo que não queres mesmo nada. 680
 Vejo que não te encanta fazer amor de madrugada!
 E que meu silêncio obsequioso, minha devoção ao teu jeito virtuoso,
 Não te fizeram nem um pouco feliz.
 Vejo que minha forte presença não debelou um dó desditoso,
 (Vou terminar apenas esta água, Himeneu).
 Tiveste-me apenas por um triz.

HIMENAIIO EM DOMINGO

68

Retorna Minerva ao templo imortal, vitalício, 687
 Era azul de verão, girava a abóbada estalada;
 Arrastando as nuvens céu afora, o vento solstício,
 Em eterno retorno curvava a orbe extremada.
 Sua filha brisa respingava luminosos indícios
 Nas palmáceas retorcidas, de silêncio emolduradas;

O sol perfurava hialino, esfregava-se nas folhas de um pino,
 Em luminosidades transparentes de água límpida oscilada.
 Entre os pinos a ave plainava e sua sombra n'água refulgia,
 Em corrente de ar que não buscava, longor de asas flectia.

69

Em si contida, Minerva em leito d'água descansava 697
 E a gota límpida, no cílio inclinada, lhe aprazia.
 O raio de sol incidia, dela a dúvida refratava
 Se Himeneu, coroado de êxito, continuaria
 A boa súplica, que no peito da fêmea se encrava
 E que com o tempo se torna a mais doce iguaria.
 Em silêncio do éter a verdade é turva, posto que nada perturba,
 Nada limita o devaneio em voo de uma harpia.
 O desejo de Himeneu ressona ainda por dentro;
 Mulher é triste em ter no homem o seu contento!

70

Recolhe o corpo, súbita onda desfaz a meditação venial, 707
 Um homem desliza em mergulho nas águas sagradas
 Ao redor do templo em que Minerva é guardiã meridional.
 Sobe às escadas de pedra, seca as madeixas molhadas.
 Sólido, Himeneu contempla Minerva sentada a um degrau...
 Ardor preenche o clamor satisfeito, e a alma no âmagô canta velada.
 Dispara o coração intermitente, de ver olhos do homem insistente,
 Sua testa úmida brilha, com piropos entusiasmada.
 Na compleição sólida masculina, os vapores celebram o encontro casual;
 Corre a fonte de júbilo feminina, que prenuncia o toque carnal.

71

A atração toma o tempo de um instante impendente, 717
 Propínquos são os corpos bem ajustados.

De linha pura Minerva aguarda o pedido indigente
 Do noivo ardente que há tanto havia aguardado.
 Consentem as mãos dele as papilas carentes,
 Recobertas de ósculos com lábios molhados.
 Brilha a estrela solitária e sorridente,
 Sua luz se transmite em pontes de raios dourados
 Dos sentimentos duradouros que os amantes buscam;
 De deleite irrestrito reagem um ao outro, e não se ofuscam.

COEMPÇÃO

72

Concriando da volúpia a lubricidade, 727
 Himeneu sente a vital necessidade
 De valer sua condição vigorosa.
 Chama Minerva a desfazer-se de toda sensação animosa,
 Para que do linho em leito nupcial possa despi-la.
 Mas a deusa, já gloriosa, com o mistério de branca rosa,
 Apercebe deusas que acumulam em fila.
 Vênus e Hera contundentes desfazem o momento de enlevo
 E a Himeneu clamam ter pleitos mais longevos.

73

Cheia de cólera e aborrecida, Minerva eleva-se iluminada 736
 Do pôr do sol fulvo que Lato anuncia, e diz: impertinentes!
 Despeja a renque de deusas, o abuso funesto, à calçada
 E lhes ressalta o argumento reprovável e deprimente.
 Ordena a Himeneu que adentre o seus aposentos;
 Transporta-lhe adentro com seus próprios sentimentos,
 Paga a Lato contribuição inolvidável à sua carruagem;
 Tranca com chaves permanentes, arredando Himeneu, irritadiça.
 Dispensa de Vênus a bênção! Reza a própria Minerva sua missa.

74

Silente aguarda, solene, ao esposo 745
 Este mergulhado em profundo mar de passividade.
 Demonstrando espírito desgostoso,
 Minerva faz trazer a todos os homens da cidade.
 Dele tendo se apropriado, manda amarrá-lo, desatencioso
 E prepara enlace em festa, extirpando a privacidade.
 Observa atenta aos másculos soldados, deseja-os frente ao sentenciado,
 Até que Himeneu entenda a sua desvantajosa idade.
 Já satisfeito de ser postergado, sente-se feliz;
 Finalmente apreende verdades bem sutis.

75

Sorrateiro escapa no Templo da treliça, 755
 Esta o toma como tempo desperdiçado.
 Incauta, proterva, audaz e insubmissa,
 Minerva prossegue em dever inexpugnado.
 Onde estavam nas bodas as delícias,
 Que tantas mulheres supõem num aliado?
 Desapontada descarta subterfúgios, recolhe-se a seu refúgio,
 Supondo-se incapaz de manter um homem ao seu lado.
 Quanta perda de tempo dos mortais,
 Fustigar tantos desejos animais!

76

Adentrada em seus mapas e segredos, 765
 Nota à porta Himeneu, de pé, com soldados.
 Dispensa-os do fastidioso enredo
 De alterar por tê-lo feito humilhado.
 Delicada deliba de um cálice, descrente e em auto-degredo.
 Himeneu fecha os acortinados, baixa os estores aveludados,

Despe Minerva de todos seus ocultados medos.
 Fêmea e frágil constata inútil resistir, talvez caia na cama;
 Antecipa Himeneu penetrá-la e agir, como quem a ama.

77

Minerva.

774

Se eu me abrir em pés descalços, deixa a minha mão sobre a tua
 Se tiver no mar percalço, quero ver-te sempre nua.
 Quando houver solidão no mundo, venha o teu sorriso, de bálsamo e óleo
 Quando eu olhar o teu eu no fundo, mostra-me a lua que há nos teus olhos.
 Quero a lua dos teus olhos, a mágica do espelho teu
 Que reflete em mim tão atenta, se por dentro, está o que me deu.
 Eu quero a lua dos teus olhos, a lágrima que há escondida
 Numa prece por ti descoberta, que gentil me mostrou uma saída.
 Nos teus olhos há tantas estrelas! Elas me guiam a todo momento.
 Mas é a tua lua, que em perfeita harmonia,
 Faz a noite como o sol nasce o dia
 E nos rege infinito o passar do tempo.

78

Ah, Himeneu!

787

Súbito prazer indenominável,
 Ver-te homem, embrenhando-se com seu falo
 Movendo-se com desejo impostergável,
 Buscando irrefreável o momento de exalo.
 Nos teus ombros minha mão vulnerável
 Suplicando maiores intervalos.
 Persuadida de bálsamos cheiros, Minerva se dá por inteiro,
 Nos braços de um amante impecável, de fragrante cheiro.
 Tanto a aulétride tenta dele desfazer-se,
 Tão maior é o empenho do homem a reter-se.

EGÉRTICO

79

Sensação de boca seca saciada, com saliva de sabor amalgamada, 798
Gratia Aegere! Gratia aegere inefável, inevitável,
Em vaidades insolúvel, respirar insofismável.
Antes que a mente buscasse o instante da acossa irrefreada,
A afeição jorrava em alumbramento, satisfeito o peito respirava.
Sem peso na consciência, acusação de luxúria ou libidinagem,
Tão íngreme ressona no Templo da alma a libertinagem.
Mas circunstâncias enlevam o respeito, respira a solenidade
Na devassidão sem defeitos cerra o selo da legitimidade.

80

Vem dar força colativa, Himeneu, com tua voz à penumbra 807
Afetuosamente expressivas, com teus pedidos eróticos
Sussurrando juras de amor de águas tão profundas
Que memorizaste recomendando-me a homens caóticos.
Conta-me tudo que viveste, da tua primeira mulher, das segundas,
Tão longo percorrendo, que Milton é sinóptico.
Conquista-me com teu sorriso maroto, satisfeito feito um garoto,
Mergulha em meus cabelos teu rosto, teus enredos tão exóticos
Olha pra mim bem solto, desimportunado,
Como se tivesses a uma só na vida te afeiçoado.

81

Fala-me de tuas virtudes, 817
Que é manhã, quero toda tua atitude
De amante masculino, inderrogável.
Fala-me da solitude,
Em que viveste como quem se ilude
De que a vida é maior e o amor, inseparável.

Mostra-me teu peito, bem sagrado
 Onde encosto o meu rosto fatigado
 De ser livre, leve e ilimitada.
 Himeneu. Prova de minha boca rosada.

82

Rolaram os amantes sobre o tecido acetinado da noite, 827
 Moveu-se o corpo copulado sobre o chão germinado de hera
 Regeu um floral de teobroma, esparzindo aroma doce,
 E o frondoso tálamo, profundo, foi sobre a relva piéria.
 Ataviado pela mão de Himeneu, o seio foi túmido de leite níveo
 Arroiaram arrolhos sobre o hálito úmido exalado,
 Enroscaram os mansos lábios, partilharam o que é sensível.
 Fluidos escorreram no corpo friccionado, Himeneu foi dominado,
 Tensionada, Minerva alcançou o prazer inexprimível.
 Com um peplo de linho o amante recobriu a si e a esposa
 E as carícias inclinaram a uma vontade ainda voluptuosa.

83

Por que não seria sábia a vida, fosse inteira assim? 838
 Um infundável canto, e em cada verso a palavra necessária
 Narrando fatos de amor, sem começo, sem ter fim
 Sem desilusão, nem ciúmes, finda a estrela solitária
 A mísula mítica sustentando o altar de um par afim.
 Não porque o que de graça se recebe, se repasse vezes várias;
 Mas sim pelo prazer que, difundido, libera o que era contido,
 A esperança da prece e talim diária.
 Contudo algo dentro o novo clama;
 Ao humano, não é suficiente ter quem o ama.

CANTO VII

Quando os homens interrompem o canto de amor mútuo

84

Mas chegam as tropas vencidas, e ainda temidas, clamam Minerva 848
Em seu seio, deita Himeneu sabendo que um enredo o destino lhe reserva
Por que clamam tanto, cheios de cobiça, os faustos homens?
À deusa ditam desígnios, para que implemente, enquanto somem
E os resultados não celebram, capciosos e ociosos, preferem questionar
Questionar e punir, peças de uma engrenagem desidiosa,
Que burocrática, não faz mais nenhum sentido, vira prosa.
Que ganham os homens punindo-se uns aos outros?
Criando enredos e reagindo com segredos, fazem-se loucos.
Minerva fatigada, busca o peito de Himeneu
A quem os homens gritam enfurecidos, tais quais fariseus.

85

Retiram Himeneu das núpcias, abruptamente 859
Arfam gritos, pregam ritos, dementes.
Sob a égide de Édipo, clamam patriarcado
Destituem Minerva de seu trabalho, invocados.
A deusa se assusta, ao notar planos de Zeus
E levam rasgando a túnica de Himeneu.
Em troca, os homens mortais lhe oferecem a sinecura
Minerva ouve seu desgosto, em silêncio, com a alma pura.
Ah! Doce o tempo, quando os homens suplicavam em jactantes brados!
Mas hoje não mais se ofertam, em cargos já estão sentados.

86

Ao trabalho, gritam a Minerva. Agora já não és mais deusa! 869
 És esposa, uma escrava, és de Himeneu, não hás de ser coesa.
 E reclamam a Minerva tomar seu lado. Ou à toa vão dizê-la,
 Mas se defendê-los, como sói aos homens, irão enaltecê-la.
 A Deusa, preguiçosa, busca Himeneu. Na maleita do tupi bacante,
 Ébrio amor lhe garante: Himeneu não a deixará por um instante,
 Visto que os heróis românticos às deusas pertencem.
 Assim se fazem os pares, basta que juntos estejam contentes.

87

Ah! Portanto não terão Himeneu por muito tempo. 877
 Sendo deus, jamais se entrega, salvo dado de próprio consentimento.
 Minerva satisfeita, dedica-se ao processo decisório.
 Observa a estratégia, planeja um ou outro casório.
 E os homens ínfimos lhe desacreditam...
 Assim Minerva em paz trabalha, cada vez que a desditam.
 Como primatas se lhe apresentam, ribombando como macacos.
 Gritam, “escolha eu!”, “deixe-me ser seu candidato no vácuo!”
 A deusa ajusta seu latim, as sinédoques e os atos falhos
 Por que antes de mais nada guerreiam? Ora, uns desajustados!

88

Já não deixam que Himeneu aperte a esposa junto ao peito 887
 Gritos, ritos penta-amacumbados, impedem-lhe o que é seu por direito.
 A sinfonia da amargura toma Minerva a seu cuidado
 Um sínédrio bem feliz, junta provas mundanas em julgado.
 E descontrolados, os homens colocam Minerva à prova.
 Se dizes que és deusa, ora, não és deusa uma ova!
 Símfios.
 É singelo o canto e pranto, prato cheio apenas a quem se faz ínfimo.

89

Atropelam-se aos tantos, querem valores e benefícios 895
 Onde estão tantos sabores, que a deusa dizia serem propícios?
 Se és deusa, salva a teu amado brasileiro!
 Todo e qualquer clamor não cabe em nossos planos,
 Não há modéstia nem prudência. Produza, se és deusa,
 Ou te condenaremos ao agulhão da demência!
 Minerva reconhece novas formas de escravidão moderna
 Sempre esteve por aqui e ali, observando a mulher hodierna.
 Refletindo sobre a arbitrariedade do mundo humano,
 Indaga se a beleza salvará das bodas o plano.

90

Donde provém a violência de que reclamam os profanos? 905
 Chamam Minerva, sua ciência, vertem lágrimas a cada ano.
 Apontam a profusão de invasões sem carência
 E reivindicam a força para repelir ataques, razias
 Ocorre que a dor que se produz em sequência
 Vinha da ocupação de terra que se supunha ser vazia.
 Territórios geográficos, setores inelásticos,
 Tornam os homens mais violentos a cada dia.
 Mas não clamam misericórdia à deusa da guerra:
 Sequestram Himeneu, e dela exigem solução à Terra.

91

Ó angústia, de estar distante, não curar dor de meu amado! 915
 Vê-lo perdido pelo deserto, em que tudo é longe, vazio e vago!
 Verte o chá o sátrapa, ingere o grão de arroz o sábio
 Não levantam a voz em comando, nem se perdem em furor incendiário.
 Suspira e engole em seco o sofrimento Minerva,
 Silenciosa destruição dos valores ela observa,

Meio aos gritos jactantes, pentáculos de pleitos irascíveis.
Um coração já não há mais no peito sem reservas,
Mas a mesma impassividade de meios ela conserva,
Até que se deem conta das suas páginas irremissíveis.
Pois aonde a consciência do homem não alcança,
Uma ave no céu voa em luminosa dança.

92

Falatório, assuada barafunda de babel. 927
Difamam cada coisa sem importância,
E em cima ganham mantimentos para tropel.
Minerva atende apenas aos homens, não a presumidos primatas
Que acendem a chama da humile e inútil
Existência do que pensa e em si constata
A imensidão do céu, a mansidão do mar
O espaço onde giram as estrelas,
As flores que balançam ao som do ar.
Como levar paz e solução ao conflito sem origem?
No chão, a deusa cala e da angústia sente a vertigem.

CANTO VIII

O resgate de Himeneu

93

Himeneu, solta-te por ti mesmo! 938
És divindade, diz-lhes que chega, aos homens dê um basta!
Vem por meio da celestial labareda a esmo,
Bem sabes que a verdade é sempre a luz casta.
Ágil Minerva aciona seu irmão Baco, em noturna estrigídia.
Este se inteira da lástima cruel que impôs aos amantes a perfídia.
Num grito de Evoé, dispersa os lobos que se alimentam de súbito pasmo.
Aqueles que ostentam grandes somas, extorquindo por atos falhos.
E Minerva já sem forças, concentra-se em seus suplícios
Recorda o alimento dos cardos, seus imensos sacrifícios.

94

Jamais deveria ter ido visitar-te! 948
Jamais deveria ter preparado a ti a minha arte.
Jamais deveria ter dito: medo não me cabe.
Agora eis-me aqui, sendo aqui tudo que tu me sabes.
Sem versos longos, estirando-me quase em prosa
Como se completa e sem espinhos fosse a minha rosa
Jogaste a deusa na vala das belas flores...
Porque me fizeste, Himeneu, morrer de amores?
Não te acuso, apenas me escuso, quero que escutes o quanto és amado.
Ah! Na redenção há vida e véu, vejo vir de Zeus o raio do que é sagrado.

Em prece solene, Himeneu quebra um prato. 958
Descarta a léria dos juízos de quem não tem fato
E busca na pele lesionada seus meigos e puros carinhos
Dos céus, a suprema ave alada lhe mostra tantos caminhos!
Nos ânodos da mesquinaria e deslealdade,
Zeus com firmeza engrava a irrevogável verdade,
Consagra pela realidade o amor na fala e no hábito.
Reencontra a deusa sua fortaleza e dele sente o delicioso hálito.
Áulico beijo entoam apenas os que a si se merecem;
A audácia de Himeneu está em que a ela sempre regresse.

CANTO IX

*Sobre como Himeneu manteve Minerva fiel a seus votos,
valendo-se da maneira das esposas antigas.*

96

Fica no meu peito, Minerva. Fica no imo peito amor que não se apaga. 968
Glória levemente contida, ciência dos anjos ressarcida,
Dispensa a necessidade de certeza, a chama contínua que é minha chaga.
Tantos cantos preparei, e a mim nenhum a fortuna me deu.
Dos deveres me ocupei, em outro plano reservei o que era meu.
Foram teus olhos sorridentes, que te fizeram desarmada
Foi o que viste em meu sonho prudente, tua lágrima por mim derramada?
Prometo que de dores de amor não sofrerás mais.
Promete-me apenas que a outro não terás jamais.
Promete-me!

97

Mal posso ver-te, Himeneu, tão longo fôlego tem o teu beijo 978
Como falarei, se mal respiro nas posições de teu desejo.
Não só prometo, eu juro. Juro que te amo, e que outro não me terá
Juro que apenas a ti meus sentimentos de amor hei de dedicar...
E quando te importunar, Himeneu, lembra-te disso.
Lembra-te da minha paixão. Lembra-te, Himeneu, da minha razão.
Lembra que não tenho outro, que apenas tu me fazes o meu sorriso.
Himeneu, és capaz de jurar de volta? Eu preciso.
Ou a inófia de vaidade de homem irá dispensar, tão logo encerres?



Assim, para que possas odiar-me, caso antes do fim contigo eu erre.
Que a graça de tua visita jamais me falte, amado.
Para que possas de volta amar-me, caso nada saia errado.
Himeneu. Jura!
Jura que és meu, que não irás buscar para mim outros homens.
Jura que me amas, jura que está vindo, jura que o teu é o meu nome.

98

Sim, estou vindo. E quando a si chamarem, atenderei. 993
Quando disserem meu nome, saiba que é de ti que dizem, que a ti me dei.
Entre nós que apenas dois permaneçam.
E os muitos que vêm e vão, não te mereçam.
Colecionarei todas as tuas pérolas, as duras pedras
Como presentes que a vida me deu.
A eternidade selou no tempo as coisas vazias que em mim preencheu.
Jurados estamos, jurados de amor.
O pêndulo está movendo, e é manhã, já vejo o alvor!
Sonho-te de noite. Beijo-te de manhã.
Minerva, dá-me tua mão, virago artesã.

*Beijam-se os noivos, amam-se, e seguem em seus fardos
divinos, acenando-se.*

CANTO X

O prêmio de Minerva a seu irmão Baco

99

Ariadne forja a si mesma um círculo de estrelas,
Contente em amar por si própria e pelo amante
Envia seu reflexo já desperto e sobre Baco o atrela,
E este se esquece do rosto de Minerva em uma bacante.
Com a astúcia que o dever reserva, põe-lhe uma sela
Distante celebra, com desdém ao homem suplicante
Resoluta, impõe a Baco infindáveis desculpas
A ela mesma se atende, com o corpo alado diante.
Belo fim, que Vênus, tendo aos fraternos gozos observado
Na origem comum de Baco e Minerva, desfez o laço renomado.

1004



CANTO XI

Sulis Minerva retorna a seu Templo com Himeneu

100

Zeus observa o tempo de Minerva, enervam aos homens os seus raios. 1014
À terra Himeneu comparece, sempre que numa prece exige um casal
Minerva contente, volta a debelar com guerra o sangue dos maus
E aos que buscam a paz, envia-lhes novas alianças em himenaios.
A deusa no abraço se enterra, no beijo de Himeneu celebra
A imortalidade que se concede aos que da vida comungaram.
No seu templo entre sestra e destra, cercado de muros de sólidas pedras
Adentram o tálamo em que até hoje os seus corações disparam.
Pela virtude verdadeira de um homem, em canto são força e história
Do amor que desposou sendo puro e casto, e assim se fez memória.

Impresso em Lisboa, Portugal, por:



CHIADO

P R I N T

AS VENERÁVEIS VIRTUDES DO HOMEM

Quando se pensa: a poesia morreu!

Não, não morreu nem morrerá. Quando parece que tudo vai cair por terra, não, não vai não. De repente ela surge com vigor, do fundo da terra, da mais profunda raiz, trazida pelas mãos daqueles que criam. Esse mais recente trabalho, não o último, da poeta Ana Paula Arendt, dá provas evidentes da minha afirmação. Há uma maturidade esplendorosa. Riqueza de imagens. É o som de um sino que não se repete, um som diferente, um som que nos traz a palavra que rareava. Uma profunda invenção, com propriedade. No seu prefácio já se prenuncia aquilo que seria encontrado mais adiante. Vigor da invenção. Da cumplicidade com a literatura. Da cumplicidade com a vida, com a palavra. Uma poética do encantamento. Um discurso de engenhosidade. Sinto-me gratificado por ter tido acesso a esse fabuloso *As Veneráveis Virtudes do Homem*.

Celso de Alencar



CHIADO
EDITORA

